

“É mais fácil ser santo sequestrado do que santo arquiteto”

A sua história encheu de assombro auditórios de todo o mundo e estendeu-se viralmente através do Youtube. Agora vai passar também à história da literatura épica, graças a “257 días. Bosco: la historia real de un hombre que no se dejó vencer por el miedo” (José Pedro Manglano, Planeta, 2012). Durante o simbólico tempo que dura uma gravidez, a sua alma de arquiteto enfrentou o maior desafio da sua vida: edificar um espaço interior suficientemente sólido para converter um esconderijo físico e mental no palácio da felicidade.

– O sequestro que sofreu, graças ao final feliz, é extremamente romanesco. Porque cedeu a sua voz a outro para que construa o relato?

– Sou arquiteto e não escritor. Não tenho a estrutura mental nem a pena de quem assinou este relato. Também era necessário que alguém, com outra perspetiva, pudesse alinhar num fio narrativo a grande quantidade de recordações e material arquivado que conservo.

– Durante quatro meses de cativeiro, viveu a nudez radical. E, desde que decidiu contar a sua história, vive também uma nudez biográfica. Com este livro, resta alguma morada secreta para si e para a sua família?

– Na minha família, existem aqueles que não suplantaram o muro do sofrimento e não querem voltar a ouvir falar do meu sequestro. Este livro, além disso, revela fotografias que até agora eram inéditas. Isso pode fazer doer, mas não quero guardar nada para mim. Sinto que tive a possibilidade de construir uma metodologia de sobrevivência que devo comunicar aos outros: tenho um compromisso de deverdor.

Reconstruir a existência

– O seu sequestro foi resolvido sem o pagamento de um resgate. Mais ainda, com as suas próprias mãos abriu uma porta traseira nos planos dos seus sequestradores: escapou-lhes. Com quem é que contraiu a dívida?

– Com todos os que rezaram por mim e me apoiaram. De cada vez que conto o que sucedeu, é como se o fizesse perante uma comissão de acionistas e lhes dissesse: “Venho prestar contas do investimento”.

– Com apenas 34 anos, Deus arranca-lhe os planos da sua vida e sugere-lhe que, em vez de arquiteto, ocupe a cadeira do relator. Porque não se revolta?

– Claro que me revoltei! Mas num determinado momento tive de optar: ou não acredito em Deus, ou acredito nele com todas as consequências. Se Deus é o meu pai, não pode querer nada de mau para mim. A escuridão e a falta de sentido converteram-se numa oportunidade única.

– Lendo a sua história, dá a sensação de que conseguiu encontrar uma espécie de verniz escorregadio, pelo que a sua força psicológica e espiritual era impenetrável.

– Quatro dias antes de ser capturado, corri uma maratona. Depois, no esconderijo, corri quarenta e duas maratonas estáticas, no mesmo pedaço de solo. Enquanto corria, rezava por aqueles que amava, sabendo que eles também oravam por mim. Tornei-me um atleta da oração e, é verdade, Deus possibilitou-me ser impermeável.

– As janelas convertem a paisagem real num quadro. No esconderijo aonde foi confinado, não havia janelas mas desenhou paisagens panorâmicas. Em que medida não eram uma ilusão?

– Todos os meios-dias, assistia com a minha imaginação à Missa, celebrada nalgum lugar do mundo. lame unindo a cada gesto, a cada palavra. No momento de comungar, viajava ao coração da minha mulher, para receber Deus com ela. No final, sentia-me como se me tivessem injetado um ânimo sobre-humano. Seria uma fantochada? Era mais uma questão prática: palpável, até fisicamente, uma força espiritual inegável.

– O tempo passa e... será que existem fugas na alma?

– Procuo viver a intensidade espiritual daqueles dias. Mas ser santo sequestrado é mais fácil do que ser santo arquiteto. Tive o sabor de chegar à meta. Agora, procuro chegar pelo menos a um meio termo: nem viver de rendimentos, nem ter de padecer outra situação tão dura para manter em forma o músculo da oração.

Os andaimes da liberdade

– Não receia dizer que somos feitos do mesmo adubo que os nossos sequestradores. Conseguiu, de facto, ter com eles uma

relação de respeito e até de preocupação com o seu erro moral. Onde traçar a fronteira entre a caridade extrema e a síndrome de Estocolmo?

– Nunca partilhei com eles nem os seus objetivos, nem os seus métodos. Muito menos tive um acordo pessoal com eles: os raptos, sim, participaram do meu monólogo interior. Jamais escutei a voz deles. Mas a minha responsabilidade era partilhar com eles a aventura espiritual que estava a viver.

– Como terá influído a enorme riqueza espiritual que acumulou nesses meses, no seu desenho de interiores?

– A Bíblia da minha arquitetura é o Alhambra de Granada, que guarda dentro a riqueza e, para fora, mostra sobriedade. Também me inspiro muito na tradição mexicana, que é como uma mulher: tanto mais atraente quanto mais vai aceitando o namoro, deixando-se descobrir pouco a pouco.

Contrafortes para um mundo em crise

– O seu amor pelo México fez com que não emigrasse para um lugar mais seguro. Será que é habitável a sociedade mexicana atual?

– Continuamos a ter problemas urgentes para resolver. Há pouco tempo sequestraram o filho de um amigo meu e mataram-no. Os sequestros só terminarão quando se impedir o pagamento dos resgates: basta olhar para as estatísticas de outros países latino-americanos.

– A segurança e a luta contra o narcotráfico são as promessas mais sonoras da campanha eleitoral no México. Será que os políticos vão cumprir os seus planos de urbanismo social?

– Falei várias vezes com o presidente Calderón, com deputados, para que se proíba por lei o pagamento de resgates. Mas não gosto de dar lições políticas. Estou ao serviço de pessoas que possam encontrar em mim esperança e ajuda perante o sequestro de um familiar.

– A família brilha na sua história como se fosse um betão indestrutível, contra o qual salta a irracionalidade e o ódio. Como “exportar” este material de eficácia comprovada para a construção da nossa sociedade?

– No meu sequestro descobri a eficácia do passo a passo. E de não deixar de correr. Existe a onda de contra-valores que tentam destruir os pilares da ética humana. Além disso, uma sociedade sem Deus avança para o desastre. Urge que os pais recuperem a autoridade moral e que não se rendam em face da educação dos filhos. Mas nunca vamos estar suficientemente preparados para uma ação social perfeita.

– Como restaurar os fundamentos?

– Há um livro de filosofia tolteca, dos índios mexicanos, que estabelece “Os quatro acordos”: “Sejamos escrupulosos com a nossa palavra; não assumamos como algo pessoal, nem os louvores, nem as ofensas; não façamos suposições: vivamos

intensamente o dia a dia; ofereçamos o melhor de nós em cada dia que passa”. Que sabedoria mais útil, não é verdade?

Pouco antes de ser sequestrado, o arquiteto Bosco pronunciava uma conferência em Los Angeles, na qual afirmou: “A arquitetura é mais do que um espaço onde se vive. A boa arquitetura é aquela que surge de um pensamento profundo, de um silêncio, do estudo da luz e da sombra, do conhecimento de como reage cada matéria, da preocupação da arte da criação”. Durante a sua segunda prestação, o arquiteto Bosco entendeu cada letra do título daquela conferência: “A riqueza do espaço interior”.

T. G. de C.

“257 Días”

Bosco: la historia real de un hombre que no se dejó vencer por el miedo

Autor: José Pedro Manglano

Planeta.

Barcelona (2012).

Crónica de um happy-end

Bosco Gutiérrez Cortina, arquiteto mexicano, foi sequestrado em 1990 por um bando terrorista internacional. Permaneceu 9 meses confinado num esconderijo de um metro de largura por três de comprimento, sob a supervisão constante de uma câmara de vídeo. Durante quatro meses, permaneceu nu e aturdido 24 horas por uma fita de música. Ao longo do cativo, teve direito apenas a um colchão, uma bacia com água, uma Bíblia, um livro emprestado e algum papel.

Na altura era pai de cinco filhos (hoje de nove). A sua família esforçava-se por pagar o resgate, enquanto Bosco esperava absolutamente isolado. Durante os primeiros dias, o prisioneiro foi derrubado e permaneceu caído sem comer nem beber. Mas, a determinado momento, sofreu uma conversão interior que o marcou profundamente e o levou a desenvolver uma metodologia de sobrevivência. Deus interveio de um modo fascinante. Os sequestradores nunca comunicaram verbalmente com ele (só por escrito). Todavia, Bosco protagonizou uma assombrosa experiência espiritual e de autossuperação. Finalmente, após 257 dias encerrado, num descuido dos seus guardas, conseguiu escapar.

Já em liberdade, Bosco Gutiérrez continuou a exercer a profissão de arquiteto. Dez anos depois de recuperar a liberdade, começou a dar conferências pelo mundo a relatar o seu sequestro.

